

Uma vez mais, neste contacto directo com a pintura de António Carmo, podemos repetir que, entre a visão alargada que revela no modo de entender a pintura e uma concepção pictórica pessoal que se mostra atento aos sinais do tempo, a sua arte existe e de novo claramente se afirma nestes quadros dos anos 2000/2004 que não deixam de ser uma aposta e um desafio no reencontro com uma pintura que sempre se coloca no palco da vida.

Aos olhos do Pintor e nos próprios olhares de quem observa estes quadros, tudo se impõe pela cor e movimento de uma pintura plena de contrastes, nos motivos e formas do que exprime ou capta do quotidiano nela tão presente. Mas os "motivos" da pintura de António Carmo dizem-nos ainda que, na forma de armadilha que é o próprio 'imaginário' que nos envolve e na ilusão pressentida da memória do mundo e das coisas, das pessoas e dos lugares, dá-nos bem conta dessa inquietação ou sentido de curiosidade para de algum modo alterar a realidade ou dela nos fazer compreender a vida noutra perspectiva.

Por aí, sim, a descoberta inicial se ordena ou se elabora como um conjunto de imagens ou modelos que de perto (e por dentro) se exprime na vocação pictórica de metamorfosear a realidade das coisas e fazer com que o "real" e o imaginário se confundam noutra dimensão: a de saber captar do mundo que o rodeia esse duplo olhar do vida e do mundo.

Porque o Pintor não é, nunca pode ser, um copista de imagens, e assim não imita nada do que da realidade envolvente melhor conhece. Não pinta os seus quadros por indiferença, não se gosta e ama a sua pintura se acaso não formos capazes de compreender o sentido profundo e visível da própria arte. E é nesse permanente e renovado diálogo, no lento correr dos anos, que o nosso olhar percorre esses labirintos cruzados e tantas vezes evidentes de a pintura se erguer como forma possível de apaziguamento ou de Conflito e ser a mais clara representação simbólica da vida.

Diante da pintura de António Carmo, na mais estreita relação que sempre se descobre entre o "real" e o "imaginário" dos seus motivos ou intenções pictóricas, resta-nos a atitude contemplativa de entender esse mundo poetizado e habitado de pessoas e lugares, símbolos e mitos que se reinventam em imagens suavizadas nos volumes e nas cores quentes e fortes, cheias de vida e numa clara intenção de denúncia ou protesto, de festa ou de alegria que envolve os seus quadros pelas cores contrastadas de ritmos e movimentos, fixadas em motivos decifrados ao primeiro olhar, nas manchas, formas e volumes de acentuada tendência ilustrativa, sim, mas de uma sincera e persistente intensidade poética.

Por isso, na diversidade dos seus "modelos", nas imagens simples e objectivas que lhe serviram de pretexto, António Carmo confirma nesta exposição da "Galeria Municipal Artur Bual" esse verdadeiro espírito de modernidade em que se manifesta uma "poética" do quotidiano sempre presente no seu percurso de pintor.

Na memória longínqua do sacralizar o corpo e afirmar que a pintura se cumpre na mais profunda expressividade, a pintura de António Carmo reincide na vontade de redescobrir outras

e repetidas formas e cores, persistindo num itinerário que tem quase quarenta anos de uma pessoal vocação.

René Huyghe declarou um dia que “um quadro quer sempre dizer alguma coisa, mas, ao contrário da linguagem racional, qualquer coisa que se pressente em vez de se compreender, e que por si mesma se não explica’.

Ora, estas palavras servem para de algum modo explicar o sentido do arte prosseguida por António Carmo em muitos anos de ofício, na luta contra muitos obstáculos, mas abrindo o seu próprio caminho e levando a sua pintura a vários cantos do Mundo, como acontece nesta altura com um ciclo itinerante da sua pintura no Brasil, em cidades como Recife, Belo Horizonte, Fortaleza. São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Na confirmação do trajecto pictórico de António Carmo se situa marcadamente esta exposição dos trabalhos realizados nos últimos anos e a referência que se impõe ao álbum que editou em 2003 para celebrar trinta e seis anos de desenhos, guaches, painéis e pintura.

Trata-se de uma vida cheia, persistente e coerente nos valores pictóricos que António Carmo defende, e de uma pintura que se coloca, por direito de opção, no palco da vida. Por si mesmo e pelos outros. Porque é realmente uma pintura de que se gosta ou uma arte de certos mitos sempre assumidos e entendidos, na atitude pessoal de comunhão com toda a gente. Ou como já pode afirmar Urbano Tavares Rodrigues: 'As figuras densas, lentas, carnis, dos Quadros de António Carmo, alheias à leitura imediata aparente, integram-se na secreta unidade de tribo. Em seu luminoso remanso há semoventes estátuas enlaçados, num colectivo abraço de dádiva e promessas por adivinhar”.

Por isso, na forma solidária de utilizar a pintura como expressão de vida, a pintura de António Carmo pode e deve ser entendida no mais claro sentido de protesto, denúncia e combate, e sobretudo como firme afirmação pictural de quem deseja estar na arte por vontade própria e tem definido o seu percurso pelo modo como melhor sabe:

- pintar e mostrar os seus quadros, em Portugal e no estrangeiro, na persistência de um trabalho constante. Contra ventos e marés, e no desejo de levar a sua barca a bom porto. Através da pintura, claro. Sempre

Serafim Ferreira

Março, 2004